

Começo por dizer que me sinto um *sem-abrigo à mesa do Pensamento*, tal é a sensação de pequenez e de incapacidade que me assalta perante o inesperado e imerecido convite do Instituto Açoriano de Cultura e do meu querido Professor Cunha de Oliveira para aqui estar, neste Instituto Cultural de Ponta Delgada, quando tantos outros o poderiam e deveriam fazer, com a dignidade e competência que merece o autor e obriga o valor da obra. Mas, com o seu habitual estilo de pessoa decidida e frontal, Cunha de Oliveira mandou dizer – a Antonieta, sua grande companheira, foi a interlocutora - que a apresentação, por mim, era *necessária e muito querida*, porque preferia a simplicidade e autenticidade da amizade a tudo o resto.

Por isso mesmo, aceitei! Mas houve outro motivo que me fez vencer as minhas resistências em estar aqui hoje. É que, para a apresentação destas obras, na Terceira, no passado dia 9 de Outubro, Cunha de Oliveira escolheu Joel Neto, um cronista e escritor que “está na moda” com um grande romance, o “Arquipélago” e que é um não crente. Eu sou crente, e, portanto, como o Crer só é crer se tem consequências intelectuais e vivenciais, senti que podia, mesmo sem habilitações académicas, mesmo sem conhecimentos profundos de Teologia, História Bíblica, Aramaico, Grego ou Latim, falar sobre a impressão que a leitura de todas estas obras me causou.

Crer. Mas em quê? O Rosto Humano de Deus! Jesus e as Mulheres! A Morte do Justo! Natal, Verdade, lenda e mito! Jesus, Profeta do Islão e outros ensaios. São pratos suculentos de História, Teologia, Exegese e Hermenêutica, servidos pela paixão de um Homem que passou a vida a ensinar e a fazer Pensamento, pouco importado com

status, convenções ou tradições. Nele é a inteligência ao serviço da convicção!

Já tive ocasião de escrever e repito aqui! Em cada livro de Cunha de Oliveira que leio, sinto-me fascinado com a paixão de aprender coisas novas ou melhor, (re)aprender coisas que vivo e sinto, dando-lhes um novo sentido que, em nada diminuindo ou desvirtuando a Fé, simplesmente a coloca na dimensão do pensamento, da ciência e da exegese.

Podemos não concordar com algumas das conclusões a que Cunha de Oliveira chega, mas isto não belisca nada o gosto pela obra e pelo trabalho apresentado, porque um dos grandes méritos do autor é, precisamente, esconjurar dogmatismos e apelar à inteligência.

E não se pense que este trabalho longo, de anos e anos de estudo, é feito à margem ou contra a própria Igreja, como se pode concluir de uma interpretação mais superficial. No caso, por exemplo, de *Jesus, Profeta do Islão*, que tem prefácio de D. António de Sousa Braga, é o próprio Bispo da Diocese a dizer que "são de flagrante actualidade os temas tratados e mesmo a digressão inicial pelo Alcorão, que nos dá a perspectiva muçulmana sobre a figura e a missão de Jesus, que o Islão considera como grande profeta".

E o Prelado acrescenta que Cunha de Oliveira, "crente convencido e com um grande amor à Igreja, a interpela e, de algum modo, a provoca, para que preserve os caminhos da renovação".

Seja-me permitido dizer aqui que a *Morte do Justo* é dos mais belos livros que li em toda a minha vida. Na minha juventude, e sempre interessado por saber o máximo possível sobre a figura de Jesus em que acredito, fiquei

apaixonado por duas obras sobre a vida de Cristo, uma escrita por Daniel Rops e outra por Fulton Sheen, grandes comunicadores. Posso dizer agora que este *Morte do Justo* fez-me apaixonar de novo pelo conhecimento do Senhor Jesus, já no meu declinar da vida. Cunha de Oliveira sempre detestou o psitacismo (a palavra é usada por ele), fez questão de referir que “importa que nós, ao menos os que nos dizemos cristãos, saibamos, mais e melhor do que até aqui, quem foi e quem é a Pessoa do Senhor Jesus de Nazaré”.

Referi há pouco que Cunha de Oliveira apaixona quem se interessa por essas questões da Fé e da Bíblia. Apaixona porque é um apaixonado, no pensamento e na forma. No pensamento funda-se na grande sabedoria acumulada ao longo de anos e anos de contínuo e aturado estudo. Ele compara, vai às fontes, analisa, dissecar e dispõe com clareza de quem domina o latim, o grego, o hebraico, aramaico e o próprio árabe. Confronta interpretações e não tem medo de se colocar sempre ao lado da racionalidade e da interpretação histórica, sem nunca porém espezinhar a lenda e o mito que desmonta, sempre com muito respeito pelos outros. E tudo isto com uma linguagem clara, perceptível, quase como que uma conversa escrita, em que nos sentimos sempre interpelados e presentes, com aquela sensação de pensarmos: “o Doutor Cunha está aqui”. Com a mesma simplicidade e autoridade com que estava nas aulas e nas conferências e nas longas conversas de horas, em momentos bem difíceis para mim, no seu quarto, no cantinho dos Teólogos, no Seminário de Angra.

Lendo Cunha de Oliveira, e posso dizer que o venho fazendo há anos, crescem-me as dúvidas, divide-se-me o

pensamento, porque ele conclui, muitas vezes, o que eu não quero que ele conclua. Acho que tem todo o direito de concluir, mas dá-me o direito de perguntar por que o não concluíram outros, antes.

O Deus que Cunha de Oliveira nos propõe – eu sei que ele faz questão de nada propor, mas apenas de dispor conhecimento e razão – o Deus que Cunha de Oliveira propõe não é o Deus Cósmico de Teilhard Chardin de depois de tantos anos, o Papa Ratzinger reabilitou. Cunha de Oliveira estuda e apresenta uma visão de Deus numa tentativa de abstracção da antropomorfização com que é apresentado. E isto reflecte-se sobretudo na sua última obra: *Crer*. Mas em quê? Eu entendo a adversativa, mas depois de ler o livro não vejo necessidade dela. O livro poderia ser mesmo, *crer em quê?* E a explicação aprofundada da diferença entre crer e acreditar (o crer gera a Fé e o acreditar gera a crença) leva-nos às mais variadas interrogações e à legitimidade, ou não, de divinizar o humano ou de humanizar o Divino.

O Credo não é uma oração, como o é o Pai-Nosso. E, se o Pai-nosso já sofreu várias alterações, porque não mudar expressões do Credo que hoje são, na perspectiva de Cunha de Oliveira, desadequadas e desenquadradas da realidade? É conhecida esta frase de Einstein: “ Eu quero saber como Deus criou este mundo. Não estou interessado neste ou naquele fenómeno, no espectro deste ou daquele elemento. Eu quero conhecer os pensamentos dEle. O resto são detalhes.”

Mas também conhecemos a inversa, de Agostinho de Hipona “Criaste-me para Vós. Por isso, o meu coração estará sempre inquieto, até que descanse em vós....”

A mim, e mesmo depois de ler tudo o que escreve Cunha

de Oliveira sobre o sentido de Pai, de Filho de Deus e do Espírito e de como se constrói, ao longo dos tempos a ideia trinitária do divino, mais se fortalece a divindade do Senhor Jesus, como sempre é tratado por Cunha de Oliveira, porque Cristo não é nome, mas adjetivo. Na Bíblia, “cristos” e “messias” foram aqueles a quem Deus escolheu, predestinou e dotou de dons especiais para poderem levar a cabo acções de salvação. (...) O Cristianismo, como religião, deve-se ao Senhor Jesus de Nazaré, personagem histórica. Os discípulos e seguidores do Senhor Jesus passaram a ser denominados cristãos a partir de Antioquia da Síria (Act.11,26b), muito provavelmente por influência de algum funcionário ou militar romano e pagão. Nunca por iniciativa própria.

Apesar de ter sido o Senhor Jesus quem deu origem ao movimento religioso e de renovação que é, na essência, o Cristianismo, não é evidente que na Igreja Católica, por exemplo, para o comum das gentes a pessoa histórica do Senhor Jesus ocupe o centro da devoção e da religiosidade. O Cristianismo não foi, originalmente, uma religião de dogmas, de ritos, de cânones, mas de compromisso e de missão: ...e sereis minhas testemunhas. Mais ortopraxia que ortodoxia. Não admira, por isso, a existência de “cristãos anónimos”, como lhes chamou o grande teólogo e mestre Karl Rahner».

O Rosto Humano de Deus é uma grande oportunidade de conhecimento e pensamento sobre Jesus de Nazaré, a evolução cristológica, com uma síntese das principais heresias que constam da história e com perguntas que nos fazem parar a leitura e rever um pouco tudo o que aprendemos. Assim, pessoalmente, um dos capítulos que mais me tocou foi o de “Jesus na Primitiva Comunidade

Cristã” logo seguido de uma ampla explanação sobre o tempo que mediou entre o Pentecostes e o Concílio de Niceia I.

Quem lê Cunha de Oliveira nota que há um traço comum e fio condutor em todas suas obras. Não há compartimentos estanques entre ciência e Fé. Por vezes têm sido inimigas, ou melhor têm sido colocadas como inimigas, mas são conciliáveis por nenhuma delas ser imutável.

A obra de Cunha de Oliveira pode ser considerada como iconoclasta de crenças e tradições. Tenho a certeza que não é isso que o seu autor pretende e, aliás vê-se pelo respeito com que sempre trata todas as coisas, mesmo aquelas com que não concorda e que desmonta, deixando ao critério de quem lê a interpretação e a conclusão que entender.

Assim é o maravilhoso livro *Jesus de Nazaré e as Mulheres*, a propósito de Maria Madalena, para mim a mais contundente e serena resposta que vi ao polémico *Código da Vinci* de Dan Brown. Cunha de Oliveira parte da lenda e do mito que o Código da Vinci tenta tornar realidade histórica e escarpeliza todas as hipóteses e provas de que um casamento de Jesus com Maria Madalena não terá acontecido, embora o autor confesse que, a ter acontecido “nada de mal viria ao mundo” nem transformaria a doutrina por Ele trazida.

E, dentro da mesma linha de historicidade, há um livro de Cunha de Oliveira, também hoje aqui em apreciação que se intitula *Natal. Verdade. Lenda e Mito*. Desse livro, escreveu Frei Bento Domingues no *Público* que se trata de “uma obra minuciosa, erudita, volumosa, fundamentada e extremamente clara, cuja leitura é indispensável para quantos se interessam pela verdade, pelas lendas e mitos em torno do Natal. Não conheço nada de comparável, em

português”.

Para Cunha de Oliveira é claro que os chamados “Evangélicos da Infância” em Lucas e Mateus, não são narrativas históricas, mas formas de apresentar ensinamentos.

Ensinamentos que figuram de modo especial noutra livro que me encantou: *a morte do Justo!* E aqui eu quedei-me perante esta realidade: *uma coisa é a verdade factual e outra a verdade religiosa*. Da Última Ceia – terá sido a ceia pascal – até à exclamação do centurião, *este era verdadeiramente Filho de Deus* – ou o filho de Deus? – tudo passa como que num filme filtrado, tipo vitral que se negasse a aceitar a imagem nele colocada e só transmitisse a luz do sol.

Dá que pensar a visão unidirecional que temos da Paixão como fim da Encarnação do Verbo, quando no Credo de Niceia e Constantinopla há aquele “Também por nós” (*etiam pro nobis*), como que a dizer-nos, para usar uma expressão muito em voga no actual mundo da política: “Há vida para além da Cruz”. E Cunha de Oliveira não tem medo de dizer: “Não se imagina, porém, o peso que, religiosamente, o “Evangélico da Paixão” tem exercido sobre nós. Entra-se no edifício de uma igreja e o que predomina é a imagem do Senhor Jesus crucificado, assim como as catorze estações da Via-Sacra a adornar as paredes de cada lado. E o Senhor Jesus matando a fome aos famintos? E o Senhor Jesus curando as misérias materiais e espirituais de homens e mulheres? E o Senhor Jesus indo ao encontro dos marginalizados de toda a sorte? E o Senhor Jesus denunciando as injustiças e condenando a hipocrisia de oligarcas sacros e profanos?”. Há vida para além da Cruz. E, felizmente que, em muitos

templos, a Imagem de Cristo triunfante começa a dominar. E sobre o tal Senhor Jesus indo ao encontro dos mais famintos e necessitados, não se pense que isto é novidade. Em 1966, foi inaugurada em Ponta Delgada, a Clínica do Bom Jesus, obra do sonhador Aníbal Furtado Lima. Na altura, em tudo, hospitais, escolas, asilos e não sei que mais, dominava a cruz, muitas vezes e infelizmente ladeada de Carmona e Salazar e mais tarde de Américo Tomás (que de Deus tinha o nome mas não mais). Mas se repararem e ainda lá está no seu esplendor de arte e significado, Furtado Lima, na entrada principal da Clínica mandou que se fizesse um maravilhoso trabalho de azulejo representando, imaginem, a cena do Bom Samaritano. Escolhe o Bom Jesus para patrono, e corporiza-o no Bom Samaritano.

Um bom exemplo daquilo que repetidamente nos propõe Cunha de Oliveira em contraponto com a visão passional que desde a Idade Média domina, na vida e nas expressões de culto e seus lugares, desde as catedrais à mais humilde ermida engastada no monte.

Numa apresentação de livros há sempre dois perigos a evitar. Nada dizer sobre eles, ou então, procurar dissecá-los, de tal modo que nem apetite fica para quem queira descobrir a magia que dentro deles sempre se encerra. No caso desta obra de Cunha de Oliveira há ainda outra tentação em que acho desnecessário cair: Falar do Homem, do professor, do mestre.

Cunha de Oliveira dispensa qualquer apresentação. Mas não é demais referir alguns pontos da vida deste Professor e pensador, sacerdote católico dispensado do ministério e casado, licenciado em Teologia Dogmática e Ciências Bíblicas. Foi professor no Seminário Episcopal de Angra,

cónego da Sé, assistente diocesano de vários movimentos, organismos e associações de apostolado e, na sociedade civil, director do diário A União, co-fundador do Instituto Açoriano de Cultura, de cujas Semanas de Estudo dos Açores foi secretário permanente durante vários anos, conselheiro de orientação profissional e director do Centro de Emprego de Angra do Heroísmo, vogal da Comissão Regional de Planeamento e, depois do '25 de Abril', presidente da Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo, Director do Departamento Regional de Estudos e Planeamento dos Açores (DREPA), que fundou, deputado do Parlamento Europeu, presidente da Comissão Diocesana de Justiça e Paz e da Assembleia Municipal de Angra do Heroísmo." Das suas obras escritas destaca-se a Cidade e a Sombra (poesia, com o pseudónimo de Silva Grelo), em "Cadernos do Pensamento", 1954; A Intervenção de Deus na História, no Livro da I Semana de Estudo dos Açores, 1964; As Dominantes Actuais do Meio Açoriano, no Livro da II Semana de Estudo dos Açores, 1963; A Questão da Gruta (de Belém) um ensaio e uma resposta, na "Atlântida", 1969; Aspectos Demográficos AÇORES 7, 1981; Análise Demográfica da Região, na "Atlântida", 1982; Instrução. Ontem, Hoje e Amanhã, na "Atlântida", 1983; Marcos o Evangelista do Ano B algumas notas de introdução, 2002; Lucas O Evangelista do Ano C algumas notas de introdução, 2003; São Mateus e a Política, 2003; Mateus O Evangelista do Ano A algumas notas de introdução, 2005; Algumas Reflexões a propósito das "Aparições" de Lourdes, 2008; Um Novo Conceito de Europa e Outros Ensaio, 2009; Jesus Profeta do Islão, e Outros Ensaio, 2009; Jesus de Nazaré e as Mulheres. A

propósito de Maria Madalena, 2011; Natal. Verdade. Lenda. Mito, 2012.

Creio que, depois de tudo isto, mais do que apresentar estamos aqui para celebrar a vida, celebrar o Pensamento e partilhar gratidão. Porque sabemos bem que *aprende quem quer, mas só ensina quem sabe*. Cunha de Oliveira é um Professor e tem o ensino no seu ADN. E não se pense que é só em Teologia e História Bíblica ou Escrituras. Um livro dele que me fascina e que consulto com frequência e que não foi chamado para esta apresentação, é o que tem por título “*Um Novo Conceito para a Europa e outros ensaios*”. Data de 2009. É, para mim, a bíblia, do outro lado do Dr. Cunha: o lado da Cidadania, com Europa, Portugal, Açores e Autonomia, em desenvolvimento e com visões que nos ajudam a perceber muitos dos fenómenos que vão fazendo o nosso quotidiano político e social.

Para o Dr. Cunha, assim o tratávamos sempre carinhosamente..... faltam-me as palavras, mas sobra-me e respeito e vontade de continuar a ouvi-lo e a lê-lo. Venha a Ressurreição da Carne

Disse!

Santos Narciso

